

O lugar do desenvolvimento nas arenas públicas

Edna Maria Ramos de Castro¹ • Silvio Lima Figueiredo²

Os processos de mudanças sociais de forma acelerada efetivamente nos colocam diante do desafio de entender a contemporaneidade. Os processos de transformação social, economia e política, cultural, são rápidos e bastantes evidentes, e se manifestam com força nas cidades de todo o mundo. As cidades da Amazônia são pontos de referência dos fluxos e da mobilidade do capital e do trabalho, inclusive para além da fronteira nacional. Elas desempenharam, historicamente, um extraordinário papel de comunicação e de ligação dessa extensa região, razão do movimento revolucionário Cabanagem ter tido um alcance tão amplo em toda a província do Grão-Pará e Maranhão, com ocorrência do conflito nos altos cursos de rios do Estado do Amazonas.

Na última metade de século XX surgiram novas estruturas urbanas a partir de ações de segmentos sociais bastante diferenciados, de pequenos produtores rurais e urbanos a grandes grupos empresariais, como grandes projetos desenvolvimentistas que geraram grandes transformações no território. Novos padrões de consolidação da rede urbana resultam também desses processos de reestruturação regional, embora seja difícil identificá-los devido ao movimento altamente dinâmico de reorganização do território, em que a implantação de grandes projetos e, sobretudo a abertura de estradas, portos, ferrovias e hidrelétricas, em programas de infraestrutura, contribuíram para efetivar os planos governamentais e o projeto político de integração nacional, com extensão para países amazônicos.

¹ Pós-Doutora; Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e Pesquisadora do CNPq. E-mail: edna.mrcastro@gmail.com

² Professor e pesquisador do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), Brasil. Doutor em Comunicação (ECA/USP); realizou estágio pós-doutoral em sociologia na Université René Descartes - Paris V Sorbonne. Pesquisador do CNPq. E-mail: slima@ufpa.br

A dinâmica e a complexidade das redes urbanas, por exemplo, respondem seguramente pela manutenção das estruturas nas relações de troca, o que fica bem explícito quando se analisam certos segmentos econômicos. As cidades amazônicas localizadas ao longo do rio Amazonas e seus afluentes foram, e são ainda, pontos nodais dessas redes de trocas comerciais que se estendem até as fronteiras transnacionais. As redes são estruturas de comunicação livres de escalas, de limites (espaciais, temporais) e de fronteiras. Embora identificadas pela ação de atores reais, localizados em lugares que podem ser físicos, as relações se estabelecem em espaços não físicos, desterritorializados ou ainda, construindo um universo de relações que se realizam evocando, simbolicamente, sentimentos de pertença, identidades e interesses comuns.

Uma das possibilidades de compreensão dessas dinâmicas e dos processos de poder relativos a elas é o conceito de campo. A gênese do conceito de campo derivado da crítica teórica e metodológica de Pierre Bourdieu é marcada pelo exercício de compreensão e de superação da tensão teórica referida à relação indivíduo e sociedade. É um conceito chave da teoria crítica e tem orientado muitas pesquisas em ciências sociais nas últimas décadas. Para esse autor, o entendimento do mundo social exige ruptura e distanciamento com a percepção comum do mundo social, considerando a teoria como um *modus operandi* e não um *opus operando*, orientando a percepção da teoria científica e a produção de rupturas com o pensamento evolucionista e estruturalista, na leitura da realidade empírica.

A percepção da teoria e o trabalho empírico, nessa perspectiva da teoria do campo, permite a aplicação de princípios destes conceitos em estudos de diferentes campos sociais, com histórias diversas, ou estudos sobre universos distintos nas relações sociais, saberes e regras que dão sentido às ações, dentro de um dado campo, conforme recortam inúmeras teorias, e aproximado com o campo da educação, da política, do desenvolvimento, da mídia, da arte, da literatura, entre outros espaços de relações estruturantes que comportam o mundo social.

De tal modo, o espaço social, e portanto, relacional, pode ser entendido como uma arena de negociações e de disputas, essa arena está presente na formulação e aplicação de políticas públicas, nas redes urbanas, nos debates acerca da comunicação e da mídia como arena e não importantes também da configuração de ideias sobre o desenvolvimento. O tema do desenvolvimento tem

tido relativa centralidade quando se trata de debates acadêmicos e políticos sobre as relações entre os processos de mudança e a sociedade, o Estado e a economia. As questões de desenvolvimento se inscrevem em um campo relacional no qual os discursos são produzidos, encontram sentido e eficácia simbólica.

O discurso de desenvolvimento nas teorias do século XX é de crescimento econômico. E a relação fundamental entre sociedade e natureza, na perspectiva ocidental, sempre foi a de retirar da última, recursos com potencial de transformação para obtenção de bens por meio do trabalho. Vê a natureza como fonte inesgotável de recursos. E, pela organização da atividade econômica e do trabalho, a natureza é processada para gerar utilidades, ou bens (materiais e imateriais) importantes pelo seu uso (valor de uso) e valor no mercado (valor de troca).

Ao longo do desenvolvimento capitalista, cada vez mais bens com valor de uso passam a ter também um valor de troca. Enquanto economia capitalista, a aplicação da lógica tem sentido no aumento da produtividade do trabalho, ou na economia atual, também com o processo de financeirização, para obter maiores ganhos de capital e, assim, realizar os movimentos de acumulação e de concentração de capital. O avanço da economia foi também possível devido à intensificação do desenvolvimento tecnológico considerado como instrumento para aumentar a eficiência dos processos produtivos.

Muitas vertentes teóricas produzem a crítica ao desenvolvimento, muitas vezes atrelando-o ao colonialismo. Na crítica do colonialismo, encontramos debates renovados durante os acontecimentos da guerra de independência da Argélia do jugo francês, principalmente nos pensamentos de Jean Paul Sarte e de Frantz Omar Fanon, que formularam um pensamento anticolonial radicalizando as explicações sobre a violência, a dominação, a subordinação e a desumanização nas práticas coloniais.

O debate sobre o pós-colonialismo, o neo-colonismo e o pós-desenvolvimento avançam, como mostram Edgardo Lander³ e Arturo Escobar⁴, na mesma direção que se entendia o discurso do desenvolvimento como

³ LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 21-53.

⁴ ESCOBAR, A. Más allá del Tercer Mundo, globalidad imperial, colonialidad global y movimientos sociales anti-globalización. *Nómadas*, 20, Bogotá, Colombia, abril, 2004.

equivalente ao discurso colonial. Como tal repousa em um sistema de crenças - sobre o desenvolvimento, sobre a eficácia da ciência e da técnica - organizadas sob uma lógica relacionada à expansão de capitais, ao sistema de mercado e da economia globalizada.

Essa lógica interpenetra as relações sociais, e dentro dessa perspectiva, os espaços sociais, campos de disputa e arenas de negociação exprimem uma controversa feição do que se entende como relações de poder, dominação e resistências e fazem com que a complexidade das soluções sejam diversas e profundas. A humanidade tem pela frente um grande desafio que é o discutir modelos de sociedades e de desenvolvimento existentes, uma economia capaz de incorporar a noção de natureza como matriz fundamental do desenvolvimento, e da diversidade de escolhas. Isso significa repensar, radicalmente, o modelo que vigorou nos últimos séculos e nos acompanha nesse terceiro milênio, com a hegemonia do crescimento econômico.

Este livro *Sociedade, campo social e espaço público* reúne trabalhos de pesquisa elaborados numa perspectiva interdisciplinar com contribuições teóricas e metodologias trazidas por disciplinas da grande área de humanidades, realizadas por professores e discentes do Programa de pós-graduado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Instituto de Altos Estudos Amazônicos, inaugurando-se com ele a *Série Desenvolvimento e Sustentabilidade*.

Os artigos do livro se estruturam em três partes que se integram e estão voltadas a questões de pesquisa sobre a Amazônia. A primeira parte contém estudos sobre as transformações sociais, econômicas e territoriais, tomando como abordagem os grandes projetos de infraestrutura e as áreas urbanas, de cidades, regiões metropolitanas, a médias e pequenas cidades. A segunda parte está composta de artigos que tratam da área da comunicação e informação sob várias perspectivas e recortes temáticos, respondendo a perguntas interessantes sobre a mídia, as redes sociais, o cinema, os jornais, e a legislação de acesso livre, e buscam interpretar de que forma e sob que lógicas a comunicação, no espaço público, expressa as disputas por poder e legitimação simbólica. Os artigos da terceira parte ao utilizar indicadores sociais, educacionais, de saúde e de meio ambiente para discussão de questões relativas à desigualdade social, traz uma

contribuição valiosa, a partir da pesquisa, para a melhoria das políticas públicas e dos modelos de gerenciamento de bens e recursos públicos.

O texto que abre a coletânea, de autoria de Edna Castro, Jondison Rodrigues, Marcel Hazeu e Sara Alonso, *Megaprojetos e novos territórios do capital: infraestrutura de transporte e portuária na Amazônia*, tem como objetivo iniciar o debate sobre tais perspectivas de desenvolvimento e seu impacto nas populações amazônicas a partir da investigação dos chamados Megaprojetos. No texto *Da natureza à mesa: trabalho e trocas materiais e interculturais em uma metrópole Amazônica*, Iraneide Souza Silva e Edna Castro apresentam reflexões sobre o universo do trabalho no comércio de produtos gerados por atividades agroextrativistas e agroecológicas, buscando entender esse universo, a partir das estratégias de geração de renda no âmbito da economia popular e as relações interculturais em áreas transfronteiriças.

Em *Memória, sociabilidade e espaço público: relações sociais e políticas de Museologia Social*, Ana Claudia Silva e Silvio Lima Figueiredo trazem estudos sobre o Bairro da Terra Firme em Belém, e elaboram resultados de pesquisa sobre as políticas públicas de museologia social no bairro, evidenciando os espaços públicos da feira de das ruas. Amarildo Ferreira Júnior e Silvio Lima Figueiredo igualmente demonstram as produções dos espaços usados pelos artesãos de miriti durante os festejos do círio de Nazaré, em Belém, mostrando as diferenças entre esses espaços na cidade, em *O artesanato de Miriti e os espaços públicos da cidade de Belém. Modernização do território e cidade média na Amazônia paraense: Santarém, entre horizontalidades e verticalidades geográficas*, de Saint-Clair Trindade Júnior, Gesiane Trindade e Helbert de Oliveira, apresenta os processos de modernização encontrados em Santarém, cidade do Oeste do Pará, a partir de estudos geográficos, caracterizando-a conceitualmente como cidade média. Suellen Ramos, Sergio Rivero, Oriana Almeida e Carlos Eduardo Martins em *Previdência, assistência social e programas de transferência de renda em Abaetetuba, Pará* analisam os programas de transferência de renda, o bolsa família, e seus impactos em Abaetetuba, cidade do estado do Pará próxima à capital, Belém.

Os espaços públicos urbanos voltam a ser tema de estudo nas pesquisas sobre o Bosque Rodrigues Alves, jardim botânico e patrimônio da cidade de Belém, PA, analisado sob a perspectiva da interação e do encontro no texto *Espaços*

públicos urbanos e práticas sociais: o Bosque Rodrigues Alves em Belém, de Silvia Laura Cardoso e Silvio Lima Figueiredo. Os temas referentes à participação em processos políticos são analisados por Brenda Cirilo, Oriana Almeida, Sérgio Rivero, Shaji Thomas e Vivian Zeidemann na implantação da APA da Ilha do Combu, a partir da investigação do envolvimento da população residente no processo de criação da APA, avaliando sua influência na implementação da gestão, em *Criação da Área de Proteção Ambiental da ilha do Combu: gestão e participação popular*. A criação de Unidades de Conservação no Brasil, e os problemas resultantes dessas ações são estudados em *Parque Nacional em Área de Fronteira: contradições e desafios*, que apresenta um estudo sobre o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque (PNMT), no Amapá, realizado por Elysângela Sousa Pinheiro, Shaji Thomas, Oriana Almeida, Sérgio Rivero e Brenda Cirilo.

As cidades voltam a ser objeto de estudo no texto *Relações internacionais e cooperação descentralizada de cidades amazônicas: um enfoque teórico*, de William Monteiro Rocha e Edna Castro, que debatem a agenda das relações internacionais nos governos locais de Belém e Manaus a partir de uma paradiplomacia e de uma cooperação descentralizada. *Percepção local dos eventos hidroclimáticos extremos e ações governamentais de controle de risco na área metropolitana de Belém, PA* é uma pesquisa que apresenta a percepção dos alunos da UFPA sobre as mudanças climáticas e sua avaliação acerca das ações governamentais para diminuir o risco causado por esses eventos extremos, os autores são Shaji Thomas, Oriana Almeida, Gena Costa, Sergio Rivero, Lorena Leite e Vivian Zeidemann.

O campo da mídia e suas relações é abordado em *Mídia, redes sociais e arena pública: o debate dos temas ambientais em mudança*, de Wanderson Cursino, Alexandre Gibson Júnior e Silvio Lima Figueiredo, com a análise dos jornais e das redes sociais sobre as questões ambientais e a sustentabilidade e em *Novas mídias e grandes projetos na Amazônia: Quem participa? O twitter como voz coletiva no debate sobre grandes hidrelétricas*, por Alda Costa, Ivana Oliveira e Nirvia Ravena, que trazem como objetivo analisar o *twitter* como voz coletiva para mobilização dos movimentos contra a construção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte. A temática da comunicação continua no texto *Comunicação e software livre para o desenvolvimento sustentável: reflexão teórica e ética sobre a questão na Amazônia*, de Otacílio Amaral Filho e Larissa Carreira da Cunha, que abordam o papel

da comunicação e da tecnologia, principalmente a importância que hoje ganha os softwares livres e a sua relação com a ideia de desenvolvimento sustentável, e continua também em *As estratégias de comunicação da série Amazônia Pública*, de Pedro Loureiro de Bragança, que investiga a importância e a participação da agência “Amazônia Pública” na elaboração de conteúdos jornalísticos alternativos.

A Amazônia é tema de estudos sobre sua simbolização e sobre os discursos sobre a região, inclusive nas obras cinematográficas, questões levantadas por Alexandre Almeida Lins em *Cinema, enunciação e Amazônia: do discurso hegemônico ao multicultural*. Os municípios da região são analisados no texto *Desafios da implementação da Lei de Acesso à Informação no Pará* em função das novas leis de acesso à informação, suas dificuldades e as tecnologias de informação envolvidas nesse novo processo, estudo apresentado por Jader Ribeiro Gama. As ideias sobre a Amazônia continuam no texto *A Amazônia de Eidorfe Moreira em livros e jornais*, de Maria Stella Guimarães, que revisita o pensamento social sobre a região a partir de um dos seus importantes pensadores. Da mesma forma, são debatidos os processos de desenvolvimento no que diz respeito à reprodução da desigualdade social e as possibilidades de sua diminuição, em *Desenvolvimento e desigualdade na Amazônia contemporânea*, de Maria Elvira Rocha de Sá, Nádia Nascimento, Sandra Cruz e Welson Cardoso. Na região, são ainda apresentados dados sobre a educação frente aos índices da educação básica e do analfabetismo funcional e o papel do professor nessa dinâmica, em estudo de Roberto Araújo Martins, *Aprendizagem para a reprodução do fracasso*. Por fim, Jocileide Gomes e Edna Castro em *Gerenciamento de resíduo químico medicamentoso em serviços de saúde: entre acertos e equívocos*, abordam as ações que envolvem o gerenciamento de resíduos químicos medicamentosos na capital paraense, a partir das ações de políticas públicas e sustentabilidade na cidade.